

Cinema e História - um olhar cultural sobre os espaços de sociabilidades

Eliane A Silva Rodrigues *

Desde que a humanidade se afirmou capitalista, conheceu a modernidade e as indústrias se desenvolveram o homem vem criando, inventando, fazendo novas descobertas que surpreende até ele próprio. É nesse contexto de criação, invenção e novas percepções que surgiu o cinema, uma produção e também uma forma de mostrar através de imagens as representações dos homens em sociedade.

Vários inventos ligados ao cinema surgiram como o cinematógrafo, fonógrafo, vitascópio, electrographo, etc, e a partir daí a arte de representar foi se aperfeiçoando cada vez mais. Atualmente temos grandes efeitos especiais, montagens em computador, cenários criados para simular determinadas realidades, enfim, alta tecnologia que acabou se transformando em um grande meio de comunicação de massa.

Considerada a Sétima Arte, o cinema tem dimensões que nos leva a várias reflexões, tais como: o contexto que está sendo representado, quem representa, porque mostra determinadas atitudes/realidades e não outras, que tipo de público atinge, qual a aceitação na sociedade depois de produzido o filme, quais os tipos/estruturas de salas de exibição teremos para mostrar essas imagens, pois com uma câmera na mão podemos reproduzir uma realidade fazendo desta uma ficção ou não, envolvendo grande quantidade de personagens e também de espectadores. Assim nos afirma Miriam Rossini que *"a sociedade que se apresenta no final deste século é preponderantemente visual, pois as imagens nos rodeiam 24 horas por dia, por todos os lados (televisão, cinema, outdoors, etc). Em todas as partes do mundo, milhares de câmeras são acionadas a todo instante, captando cenas, reais ou fictícias, que nós consumiremos em maior ou menor grau; e que, portanto, farão parte do modo como apreendemos/compreendemos o mundo que nos rodeia. E o historiador não está fora desse processo"*.¹

O ato de o cinema ter se transformado em arte, em cultura, em meio de comunicação de massa através das suas produções fílmicas não significa que o cinema sempre foi visto entre os pesquisadores como um documento histórico. Ou seja, a história do cinema como fator ou objeto de estudo passou por diversos conceitos até ser aceito na historiografia. Esse

* Mestranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia na linha História e Cultura. Graduada pela Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão. Professora na Universidade Estadual de Goiás - Unidade Caldas Novas.

¹ ROSSINI, Miriam de Souza. "As Marcas da História do Cinema. As Marcas do Cinema na História". In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Anos 90. Nº 12. 1999. UFRS. P. 10.

representar, ser ou não ser ficção, ser capaz de mostrar através da câmera fatos históricos e os questionamentos de qual realmente era o papel do cinema na história, promoveram vários debates com opiniões ora similares, ora divergentes entre os intelectuais. A não preocupação de muitos pesquisadores por essa área era pelas posturas acadêmicas, pela questão teórico-metodológico, enfim pela própria epistemologia histórica. O historiador Alcides Freire Ramos nos aponta que "*o cinema na época do seu surgimento, aos olhos dos primeiros espectadores, não passava de uma espécie de meio de diversão, uma curiosidade trazida pelo desenvolvimento da técnica... era de se esperar que esta expansão ininterrupta de uma cultura audiovisual tornasse inevitável a preocupação dos HISTORIADORES com a produção cinematográfica. Ocorre porém que, até a primeira metade do séc. XX, os profissionais que trabalham com História quase nenhum interesse profissional manifestaram por essa nova modalidade de arte/comunicação/entretenimento. Já a partir da década de sessenta, multiplicaram-se os artigos, livros, debates, ciclos de filmes e revistas especializadas; tudo isso dedicado ao tema cinema-história. Não obstante, a conquista da cidadela fílmica foi lenta por diversos motivos. Dentre eles, o principal refere-se à questão teórico-metodológica*".²

Diante dessas observações podemos partir para diversas reflexões pensando sobre o percurso do cinema no Brasil, suas influências, quando chegou, como se espalhou pelo interior, quem era a sociedade brasileira, que tipos de valores eram constituídos na sociedade, que tipos de filmes eram produzidos e vistos no Brasil. Não sendo possível resgatar toda a história do cinema no país, mas identificar em algumas regiões como foi à entrada desse cinema, se produziam alguns filmes, qual sua influência na sociedade da época, analisando principalmente as práticas de sociabilidades que as salas de exibição ofereciam ao público freqüentador, enfim resgatar um pouco da história social através do cinema.

A primeira sessão pública do cinema foi exibida no dia 28 de dezembro de 1895 no subsolo do Grand Café, localizado no Boulevard des Capuccines em Paris. Usando de um cinematógrafo os irmãos Auguste e Louis Lumière exibiram cenas do cotidiano dos parisienses. Logo em seguida esses primeiros projetores de imagens chegaram ao Brasil, datando 1896. As regiões como Rio de Janeiro e São Paulo depois Belo Horizonte, Porto Alegre, Santa Catarina entre outras foram as primeiras cidades a conhecerem as primeiras cenas projetadas. Estas eram apresentadas em preto e branco, não havendo som nas falas dos personagens, pois ainda apresentava o cinema mudo. Essas cidades conheceram e apreciaram também em primeiro instante os instrumentos da arte cinematográfica, dando oportunidade aos mais curiosos e audaciosos de segurar uma câmera na mão para registrar algumas cenas do cotidiano brasileiro.

² RAMOS, Alcides Freire. "CINEMA E HISTÓRIA: Do Filme como Documento à escritura Fílmica da História. In: **Política, Cultura e Movimentos Sociais: Contemporaneidade Historiográficas**. (Orgs.) MACHADO, Maria Clara

A partir de então o cinema passou a ser atração nas principais regiões do país. As sessões eram realizadas por um cinematógrafo ambulante que levava alegria, curiosidade, ilusão, sonhos, imagens que atraíam a curiosidade de pessoas que lá viviam. No início do século em várias cidades ainda não existiam salas de exibições específicas, sendo apresentado em espaços simples destinados as diversões públicas. Sendo assim o cinema, pouco conhecido, tinha fortes concorrentes nessas ambientes de diversões, pois a ópera e o teatro eram as principais atrações. É nos primeiros anos da década de 1910 que o cinema passou a ser visto de maneira mais atraente, adquirindo salas fixas, recebendo apoio principalmente da imprensa, com propagandas, comentários sobre os acontecimentos artístico-culturais e um grande incentivo ao público para o reconhecimento da novidade que o cinema representava na época.

Segundo Fábio Augusto Steyer, as salas de cinema em Porto Alegre eram destacadas pela imprensa local como diversão de caráter popular, pois antes as óperas e os espetáculos teatrais eram restritos apenas a elite. Sendo assim, o cinema proporcionou em Porto Alegre a popularização, a diversão coletiva. Contudo, é possível observar que *"mesmo assumindo esse caráter popular, é claro que, na Porto Alegre provinciana da época, os jornais destacavam aqueles cinemas melhor freqüentados, ou seja, pela elite local. Isso porque ao mesmo tempo em que se destacava seu caráter popular, o cinema era visto como uma arte inferior, em que grande parte das produções era destinada às grandes massas"*.³

Contudo notamos que é entre as décadas de 1910 - 20 que o cinema se revela realmente no contexto mundial e brasileiro. Mesmo não assumindo totalmente uma característica cultural por parte de determinadas classes sociais é possível constatar que as produções e as salas de exibições se multiplicaram mundialmente nesse período. A Europa sem dúvida liderava o mercado mundial de produções até a ascensão econômica e artística dos Estados Unidos após a I Guerra Mundial de 1914.

No Brasil podemos dizer que a própria situação econômica do pós-guerra contribuiu para que o cinema fosse manifestado de forma diferenciada. Além de estar ligado comercialmente aos Estados Unidos, depois de sua ascensão econômica e se desligado da Europa, o cinema feito pelos norte-americanos atraía o público não somente pela trama em si, mas pelos artistas, as "estrelas de cinema". Sendo assim, o uso de uma nova linguagem cinematográfica, a fábrica de filmes, os artistas, os movimentos da câmera passaram a fazer parte de uma nova mentalidade adotada pelos norte-americanos, deixando dessa forma os europeus em segundo plano e dominando o mercado mundial.

Tomaz e PATRIOTA, Rosângela. Uberlândia, 2001.p. 7.

³ STEYER, Fábio Augusto. **O Cinema em Porto Alegre (1896 - 1920)**. Porto Alegre 1998. p.38.

Pelas estatísticas apresentadas por Steyer podemos notar que realmente os Estados Unidos assumiram o mercado das produções cinematográficas a partir da primeira década do séc. XX, sendo que "*os EUA em 1915, seus filmes representavam 12,8% do mercado de importações. Esse índice quase triplica em 1916, alcançando 34% do total. E no 1º semestre de 1917 ele chega a 55,4%*",⁴ influenciando dessa forma o contexto artístico-cultural no Brasil. Além da falta de incentivo por parte das instituições governamentais brasileira, as produções norte-americanas impossibilitavam o desenvolvimento, a criação e produção do cinema nacional. Vale notar também, que segundo o autor, os dois maiores pólos receptores do cinema norte-americano era Rio de Janeiro e São Paulo, assim as principais salas de exibição se concentravam nessas regiões.

Em algumas cidades brasileiras a partir de 1910 tiveram um crescimento considerável em aberturas de salas de cinema, porém não recebiam muitas fitas como Rio de Janeiro e São Paulo. Dentre esses filmes que chegavam a essas cidades, estavam os europeus e os norte-americanos, acompanhando dessa forma o desenvolvimento e valorização da arte cinematográfica, suas melhores produções e criatividade de representar através das imagens. Alguns brasileiros tentaram entrar no mercado de produção cinematográfica, porém não havia muito espaço e apoio, ou seja, "*as produções locais e nacionais eventualmente ocupavam os cinemas da cidade e representavam um percentual muito pequeno dos filmes exibidos*".⁵ Vale notar que as poucas produções nacionais desenvolvidas eram exibidas em algumas telas, porém, eram quase insignificantes em porcentagens diante das produções norte-americanas e européias mostradas nas salas de cinema.

A chegada do cinema no interior do país variou de acordo com a importância de cada região no contexto político/econômico do país, sendo Rio de Janeiro e São Paulo em primeiro lugar. Depois, a região sul, identificada não somente pela força na economia, mas também pela presença marcante de imigrantes europeus no início do século XX. Grande parte do interior do país conheceu o cinema depois de 1900. Os mascates, ou viajantes ajudaram na divulgação deste propagando-o com sua forma simples de imprensa, fazendo propagandas faladas, utilizando de vendas de revistas, de tecidos e modelitos utilizados pelos artistas e pelas belas atrizes do cinema. Alguns levavam essas produções cinematográficas pelos lugares onde trilhavam, pois o cinema no início não tinha moradia fixa. Esses aventureiros foram também grandes responsáveis pela projeção das primeiras imagens apresentadas ao público.

Sabe-se que, como em outros lugares onde o cinema chegava, no Brasil houve também manifestações de fortes resistências ao cinema, não pela produção em si, mas exatamente

⁴ Op. Cit. P.63.

⁵ Op. Cit. P. 70.

por ser uma arte mostrada de forma pública, em ambiente público e coletivo, visto por pessoas comuns em ambientes simples. Logo após 1917 o cinema se transformou em uma importante atração e várias salas de exibição foram sendo construídas, reconhecendo no cinema e nos espaços exibidores a prática da diversão coletiva. Provocando em alguns casos até mesmo a vontade de diferentes pessoas em participar do cinema, sendo que esse "*cinema na época, também começava a fazer parte do programa de autoridades locais, reunindo pessoas em ocasiões especiais*".⁶ É importante lembrar que em Santa Catarina, Porto Alegre a partir de 1914 conseguiram produzir várias imagens no estilo de documentário, chegando mais tarde como Rio de Janeiro e São Paulo a produzir seus próprios filmes, fazendo adaptações de obras literárias ou mesmo produzindo pequenas cenas, fruto da criatividade desses produtores. Mostrando principalmente as classes mais distintas que o cinema, assim como o teatro, a fotografia também era cultura.

Ao utilizar exemplos da chegada do cinema compreendemos que em todas as regiões do Brasil, de acordo com as relevantes significações no contexto sócio-político-econômico do país, passaram por processos semelhantes de reconhecimento do cinema. Pois é notável que a arte cinematográfica desafiou a sociedade e suas práticas até então conhecidas como cultura, como o teatro, as óperas, a pintura, as diversões circenses, etc. O cinema era realmente algo novo, que ao mesmo tempo encantava e amedrontava os valores da época - séc. XX.

Ao falarmos de valores, de costumes podemos observar que a sociedade de forma geral, seja ela na Europa, no Brasil, na América por um todo, nos países Orientais, enfim, em qualquer lugar que tenham homens se relacionando em sociedade, adotam conceitos, costumes e práticas sociais específicas para a convivência social em cada espaço. Quando situamos que o cinema sofreu resistência por parte de classes sociais, estamos pensando que o cinema teve essa dimensão em fazer as diversas culturas se conhecerem, por isso principalmente por parte da elite, o medo de perder a privacidade, de ter que conviver com uma diversão pública/coletiva.

Contudo a sociabilidade se torna, entre tantas reflexões sobre o cinema - especialmente em suas salas de exibições - um ponto importante para se analisar. Pois é possível a partir dessa sociabilidade compreender comportamentos e atitudes que determinadas sociedades adotaram, que por coincidência ou não, refletiram nas salas de cinema. Para compreendermos a importância dessas sociabilidades nas salas de cinema, teremos que dar um conceito para tal. Algo difícil e complexo, porém possível. Na linguagem simples de um dicionário básico da Língua Portuguesa, sociabilidade são modos de quem vive em sociedade ou tendência para a vida em sociedade. Percebemos então que não há nenhuma grande novidade mostrada nesse conceito já que sabemos que a sociedade é formada por homens os quais se relacionam entre si e com a

⁶ PIRES, José Henrique Nunes e Outros. **O Cinema em Santa Catarina**. Editora da UFRS. Co-Edição EBRAFILME. Florianópolis - 1987. p. 30.

natureza. Porém, as formas de como essas práticas vão sendo criadas e adaptadas nos diferentes ambientes é que nos interessa aqui compreender.

No conceito de Norbert Elias verificamos que sociabilidade está ligada a etiqueta cortesã, ou seja, para o autor a construção de normas sociais são apenas uma extensão da corte para a esfera popular e não uma confluência. É no interior dos palácios, na visão de Elias, que as etiquetas e formas de convivências sociais se formaram, atingindo um âmbito popular quando necessário, principalmente durante as atividades públicas. Para Elias "*a rede de interdependências entre os seres humanos é que os liga. Elas formam o nexo do que é aqui chamado de configurações, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, ..., apenas como pluralidade, apenas como configurações*".⁷

Para outro pesquisador, Magnus Roberto de Mello Pereira, que trabalha a legislação urbana das cidades de origem portuguesa, sociabilidade está ligada a convivência urbana, instituída pelo poder legislativo. Ou melhor, se existem normas de convivência coletiva isso somente pode acontecer nos centros urbanos, pois é nesse contexto que os homens compreendem ou apreendem a civilidade. O autor apresenta, portanto, um tipo de conceito dizendo: "*considero que a civilidade, numa acepção mais ampla e correta, é a confluência entre etiquetas cortesãs, que se voltam sobretudo à nobreza e, depois, às elites letradas, e as regras de urbanidade, cujos textos normativos originais são as posturas municipais. Dessa (con) fusão resulta a sinonímia entre cortesia, civilidade e urbanidade*".⁸

Observamos assim que ao conceituar sociabilidade devemos em primeiro instante perceber os espaços que essas relações se manifestam, pois pode ser compreendida de maneiras diferentes, de acordo com a análise social que se pretende. Sendo assim, nesse caso, é possível associar que sociabilidade são regras estabelecidas por grupos sociais para melhor convivência em sociedade. Ou seja, cada ser humano é formado muitas vezes por características genéticas semelhantes e formas de pensar e agir diferenciadas, podendo ter ou não, múltiplas formas de comportamento. Portanto, compreende-se que é necessário adotar regras, normas, etiquetas e demais costumes, comum a todos, para que as pessoas possam se identificar em um mesmo ambiente, seja ele privado ou público. Compreendendo que sociabilidade é de certa forma uma adaptação social, para a boa convivência entre várias pessoas em um mesmo espaço cultural.

⁷ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Vol.I. Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 2ª edição. 1994. p. 249.

⁸ PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. "Cortesia, Civilidade, Urbanidade: Conversando com Norbert Elias sobre a Conformação do Espaço e das Sociabilidades na Cidade Medieval Portuguesa". In: **História - Questões & Debates. Espaço e Sociabilidades**. Editora UFPR. Ano 16. Nº 30. Janeiro a Junho. 1999. p. 116.

Ao identificar esse conceito de sociabilidade, podemos notar que nos espaços onde são apresentados os filmes cinematográficos existem diferentes comportamentos sociais. Esse processo pode ser considerado natural, pois circulam pessoas diferentes, com práticas culturais diferenciadas no mesmo espaço. Sendo assim podemos ainda manter alguns questionamentos pensando em, como compreender que as salas de exibições sofreram durante longo tempo uma rejeição do público mais elitista? Atreveríamos dar uma resposta, porém vazia, de que as consideradas classes dominantes, ou nesse caso classes mais cultas em termos de comportamentos sociais, apresentaram rejeição devido a prática anterior dessas pessoas. É possível que um certo medo tornasse mais difícil essa convivência popular, pois até então os ambientes públicos freqüentados pelos membros dessa classe, poderiam ser considerados ambientes privados, como os grandes teatros e os clubes sociais restritos. Sendo assim não era permitida a presença de quem não era sócio, caso fosse um clube, e apresentasse falta de condições em adquirir um ingresso caso fosse uma apresentação teatral. Nesse sentido as normas aplicadas para essas situações sociais iriam realmente mexer com os costumes e valores dessa classe social, ou seja, a elite desconhecia as normas de convivência em sociedade das classes populares, por isso o receio de estar em contato com o desconhecido. Até então o contato estabelecido com o popular era apenas nas relações de trabalho, e não em uma diversão coletiva e pública.

Diante dessa análise notamos que o cinema é também grande responsável pelas mudanças nas sociabilidades, práticas que até então não existiam de forma natural entre os diferentes setores. Foi a partir dessa manifestação cinematográfica que tanto a classe popular quanto a dominante tiveram contatos e preocupações em como conviver em um mesmo ambiente, partilhando sonhos, fantasias, encantos, magia das telas, risos, tecnologia e representações que compartilhavam, e ainda compartilham, fatos da própria sociedade.

Analisar a sociedade através do cinema e demonstrar as diversas possibilidades e compreensões que são prováveis a partir desse objeto, é o papel do historiador. Pois este historiador ao privilegiar o cinema como arte, como documento histórico que consiste em retratar através do filme, da ficção ou do cine-jornal, ou do próprio discurso da história uma sociedade desmistificada, merece respeito enquanto fonte documental. Enfim, olhar todos os caminhos que o cinema pode enfocar desde a oportunidade como espaço de sociabilidade até mesmo o efeito da ficção na sociedade, como mostra Marc Ferro é a marca do historiador, pois segundo o autor a " ... *tarefa consiste em confrontar os diferentes discursos da História, a descobrir, graças a esse confronto, uma realidade não visível*".⁹

⁹ FERRO, Marc. "Sobre três maneiras de escrever a história". In: **Cinema e História**. Trad.: NASCIMENTO, Flávia. RJ. Paz e Terra. 1992. p. 77.